

Psicanálise, Mulheres e Violação de Direitos: relato de experiência de um atendimento clínico no estágio de psicologia de uma universidade particular de ensino superior do RN/BR

Psicoanálisis, Mujeres y Violación de Derechos: informe de experiencia de una atención clínica en la pasantía de psicología de una universidad privada de educación superior del RN/BR

Psychoanalysis, Women and Violation of Rights: report of experience of a clinical care in the psychology internship of a private university of higher education of the RN/BR

Anne Isabelita Sabino de Mendonça Costa

Resumo: O trabalho apresentado relata a atuação como estagiário do curso de psicologia da Universidade Potiguar, inserida no *Projeto Enlace*. O objetivo dessa proposta foi a prática profissional da psicologia no atendimento de mulheres e familiares que sofreram violência doméstica. Buscando a melhor compreensão da descrição dessa vivência, foi escolhido um único caso acompanhado para ser relatado no artigo. O relatório foi dividido nas seguintes seções: apresentação geral; caracterização da instituição em que foram realizados os acompanhamentos; exposição da base teórica; desenvolvimento da análise crítica teórica e prática da atividade; e considerações finais.

Palavras Chave: Clínica. Psicologia. Mulheres.

Resumen: El trabajo presentado relata la actuación, como pasante de la carrera de psicología de la Universidad Potiguar, inserto en el proyecto enlace. El objeto de esta propuesta es la práctica profesional de la psicología en la atención a la mujer y su familia que han sufrido violencia intrafamiliar. Buscando una mejor comprensión de la descripción de esta experiencia, se eligió un solo caso para ser relatado en el artículo. El informe se dividió en las siguientes secciones: presentación general; caracterización de la institución donde se prestaron los servicios; presentación de las bases teóricas que se trabajaron para el ejercicio del cuidado; desarrollo del análisis crítico teórico y práctico de la actividad y consideraciones finales.

Palabras Claves: Clínica. Psicología. Mujeres.

Abstract: The study presented reports on a performance as an intern in the Psychology course at Universidade Potiguar, inserted in the "enlace" project. The objective of this proposal is the professional practice of psychology in the care of women and family members who have suffered domestic violence. To better understand the description of this experience, a single case that was followed was chosen to be reported in the article. The report was divided into the following sections: general presentation; characterization of the institution where the care was provided; presentation of the theoretical basis that was worked on for the exercise of care; development of the theoretical and practical critical analysis of the activity, and final considerations.

Keywords: Clinic. Psychology. Women.

Anne Isabelita Sabino de Mendonça Costa – Geógrafa licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), participou do Programa de Educação Tutorial (PET) e atualmente é professora de Geografia do Governo do Estado do Rio Grande do Norte e Psicóloga formada pela Universidade Potiguar. Integrou o Projeto Educacional Urpi Wasi, em Lima (PERU) e tem interesse nas áreas de ensino de Geografia e tecnologias educacionais.
E-mail: prof.isabelita@gmail.com

INTRODUÇÃO

1. Apresentação Geral

O presente trabalho refere-se ao relato de experiência de estágio em Psicologia, mediante supervisão acadêmica, com enfoque na área da Psicologia de orientação basilar em psicanálise. O objetivo primário dessa atividade foi conhecer a atuação da(o) psicóloga(o) e, desta forma, adquirir a habilidade profissional na prática a fim de contribuir, de modo efetivo, para a formação da(o) futura(o) profissional.

Visando compreender a partir de uma inserção teórico-prática e, assim, cumprir um dos principais objetivos da disciplina de estágio, o campo escolhido para a atuação foi o atendimento clínico no Centro Integrado de Saúde (CIS) da Universidade Potiguar (UnP), localizado em Natal/RN (Rio Grande do Norte). O foco da psicoterapia foi voltado para a temática das mulheres e familiares em situação de violência, por meio de um projeto denominado *Enlace*.

A Psicanálise tem como primícia a terapia pela fala: é no discurso que o próprio analisando realiza a associação livre. Por sua vez, o terapeuta exerce a atenção flutuante pela escuta ativa. Desta forma, as situações vividas pelo sujeito adquirem novas significações, o que, por vezes, diminuem algumas angústias e sintomas apresentados pelo paciente. Entretanto, é importante ressaltar que, pelo viés psicanalítico, não há promessa de cura “já que não podemos nos curar da ferida de sermos humanos”, mas um movimento de acolher a vida em sua dimensão real (MAURANO, 2010).

1.1 Breve Caracterização da Instituição

O lócus da prática, como mencionado anteriormente, foi o Centro Integrado de Saúde (CIS - UnP), ligado à Universidade Potiguar e localizado na rua general Francisco Monteiro, 371 - Lagoa Nova, Natal - RN, 59056-030. O CIS é um centro clínico que, além de realizar atendimentos à baixo custo para a população em geral, é um local propício para que os alunos-estagiários da instituição realizem suas práticas de estágio. Desta maneira, o centro oferece à comunidade consultas médicas, exames laboratoriais, clínicos, tratamentos e assistências nas demais áreas da saúde: conforme as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Por conseguinte, a marcação de consultas, seja por telefone ou de forma presencial, ocorre durante a semana, das 7h às 18h. Para o atendimento, é exigido ter em mãos carteira de identidade e o comprovante de residência do paciente. Entretanto, para consulta pediátrica, é possível apresentar também a certidão de nascimento da criança. Além do trabalho oferecido aos cidadãos das classes menos favorecidas, o serviço colabora com a formação e capacitação dos profissionais e estudantes da instituição.

2. Descrição do Aporte Teórico para o Exercício Profissional no Campo de Estágio

A princípio, há dois pontos importantes para destacarmos: o primeiro é a questão da violência doméstica e, o segundo, a escolha do aporte teórico. Podemos definir violência como o ato de alguém impor ao outro através da força (BERENSTEIN *apud* MANDELBAUM; SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 2016).

Ademais, quando esta ocorre dentro da convivência familiar, a concebemos como violência doméstica. Contudo, é importante ressaltar que, embora as mulheres sejam mais agre-

didadas dentro de casa (NITAHARA, 2017), esse tipo de hostilidade, por ser reflexo de uma cultura patriarcal, apresenta-se de formas distintas, em variados contextos fora do lar: como, por exemplo, no trabalho e nas relações sociais.

Corroborando com esta afirmativa, em reportagem pela Agência Brasil, em 2020, a Jornalista Letycia Bond revela os números de uma pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão. Estes dados demonstram que mais de 74% das mulheres já sofreram algum tipo de violência no espaço do trabalho. Outro relatório divulgado pela profissional foi o elaborado com a ajuda da *Laudes Foundation*. O compilado demonstrou que quatro em cada dez trabalhadoras foram alvo de xingamentos, importunações sexuais ou receberam assédio sexual de colegas homens. Além disso, quatro dentre dez mulheres tiveram seu trabalho supervisionado excessivamente. Ainda sobre os números levantados por esse mesmo relatório, mais de 30% das profissionais ganhavam um salário menor do que colegas homens com o mesmo cargo e, além disso, passavam por circunstâncias de depreciação das funções que exerciam, tendo suas observações anuladas. Por fim, mais de 29% das pesquisadas alegaram receber críticas excessivas sobre o esforço com que exercem as atividades (BOND, 2020).

Evidencia-se, desse modo, a relação intrínseca entre a violência e o cotidiano da mulher: sobretudo na esfera doméstica e no exercício laboral. Apesar dos recentes avanços no que diz respeito aos direitos adquiridos pelas lutas feministas, é inegável que o cenário ainda permanece desigual e, mais do que isso, uma realidade de ódio às mulheres. Portanto, é fato que todas as violências atravessadas refletirão, maciçamente, nos âmbitos psicológicos dos seres humanos de gênero feminino, bem como em todas as demais condições das suas existências.

Outro aspecto em evidência foi a escolha da psicanálise para um serviço de acolhimento às mulheres e familiares em contexto de violência doméstica. Esta opção foi realizada diante da possibilidade da transversalidade entre a psicanálise e as questões acerca dos estudos de gênero. Desta forma, conforme Maurano (2010), a psicanálise se situa nesse campo entre a ciência e a arte; dessa maneira, a sua prática clínica se articula em reflexão com a história da cultura e demais ciências humanas e sociais.

Além dessa conexão teórica, a Psicanálise contribui na compreensão desse fenômeno pelas faces da subjetividade do sujeito vítima (MANDELBAUM; SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 2016). Sendo assim, o tema violência contra a mulher, mesmo que algumas vezes sendo abordado de modo genérico, deve considerar o contexto e as interseccionalidades existentes entre essas mulheres: como etnia, religião, maternidade e classe social; que fazem com que a violência tome forma e magnitudes distintas (PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014).

Para trabalharmos a pauta da violência doméstica, é preciso refletir sobre a questão social de gênero, tendo em vista que são as mulheres as principais vítimas deste fenômeno. Sabemos que a discussão acerca do gênero é bastante ampla, mas acreditamos que, embasando-se em trabalhos recentes de autores reconhecidos, é possível um breve comentário sobre a temática.

É através da cultura que se forma e se define o que é o feminino e o masculino, e não há somente o determinismo biológico para definir essas funções (PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014). Inevitavelmente, essas designações e todo o apanhado de socialização se refletem na subjetividade do sujeito.

A visão dualista – que ao longo da história de diversas ciências definiu homens e mulheres como seres radicalmente opostos – vem sendo criticada nas últimas décadas por teorias que apresentam uma perspectiva mais integral da sexualidade e dos seres humanos. Propõe-se, hoje, sobretudo, uma visão a respeito das relações entre homens e mulheres como resultado de processos sócio-históricos, simbólicos, construídos e passíveis de transformação. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p.57)

Posto isto, há vários pretextos, intrínsecos a esses reforçadores dos papéis sociais de gênero, que são usados para praticar o ato de violência contra a mulher ou para que ela permaneça vitimada. Desta forma, “se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é reproduzida e mantida” (BUTLER, 2003).

É preciso esclarecer que, ao discutirmos a questão de gênero e realizarmos estudos e trabalhos sobre essa temática, não negamos o masculino e o feminino, mas acreditamos que o binarismo, por ser definido pela cultura e patriarquismo, proceda como um “enrijecedor” dos papéis sociais dos sujeitos, contribuindo com a violência que sofrem as mulheres. Além disso, a violência doméstica é um resultado direto do sexismo e somente cessará com mudanças fundamentais no modo de pensar o gênero praticado atualmente (HOOKS, 2018).

Uma outra face revelada perante os atendimentos realizados foi a questão racial: as mulheres atendidas pelo serviço, em sua maioria, são de baixa renda e não-brancas. Neste sentido, não devemos apenas evidenciar o tema de gênero, também é preciso refletir sobre a questão racial. Desta forma, trazendo as mulheres não-brancas para o centro do debate, acreditamos que seja possível ocorrer uma real equidade e sonoridade entre as mulheres. Segundo hooks (2018), situar a esfera racial foi muito importante para a compreensão das diferentes realidades vivenciadas pelas mulheres e, ao contrário do que imaginavam, não enfraqueceu o movimento feminista, mas o fortaleceu.

Em resumo, dentro do nosso aporte teórico, podemos destacar como a violação de direitos das mulheres é intrínseca à cultura patriarcal. Essa, por sua vez, perpetua o pensamento de dominação entre gênero, classe e raça. Face ao exposto, acreditamos que é possível um acolhimento dessas mulheres sob a perspectiva da psicanálise, como defende o Conselho Federal de Psicologia:

A divisão dicotômica dos gêneros produz relações de violência e exploração, entre homens e mulheres, mas também entre diferentes mulheres. Além disso, o gênero precisa ser analisado como uma categoria atravessada por outros marcadores identitários que produzem explorações como orientação sexual, raça/etnia, geração, relações urbano-rurais, poder aquisitivo, capital cultural, escolaridade, dentre outros. Isso aparece na questão das práticas profissionais, mas não na contextualização da violência da mulher – e são dados fundamentais na construção da violência no Brasil. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p.59)

3. Análise Crítica Teórico-Prática do Desenvolvimento do Estágio

O referente estágio ocorreu dentro do projeto *Enlace* e a proposta de ação foi idealizada pelas professoras Antonimária Freitas, Aparecida França e Nívia Andrade – na época, todas

professoras atuantes na Instituição de ensino. Tal núcleo operante, além de pensar especificamente o acolhimento e acompanhamento de mulheres e familiares em situação de violência doméstica, atua também com aquelas que já romperam com o ciclo da violência, porém ainda estão atravessadas pelos traumas e fragilidades decorrentes das agressões vividas.

É certo que o ato da violência doméstica não distingue a classe social, etnia e religião. Entretanto, é irrefutável que, por se tratar de um atendimento em uma clínica-escola, a ação atinge mulheres de classes mais desfavorecidas ou ainda em ascensão. Portanto, ao avaliarmos o desenvolvimento da atividade, deve ocorrer transversalidade com outros temas; entre eles, destacamos a condição social, etnia e gênero. Diante do que foi posto, observamos um campo favorável para a atuação da psicanálise.

É claro que na clínica ainda há tido demandas de tratamento motivadas por quadros sintomáticos de enurese, encoprese, dificuldades alimentares ou outras do gênero. Mas essas queixas tornaram-se periféricas, pois o que passamos a ter é a clínica viva da violência social. Esse quadro exige o desenvolvimento de pesquisas clínicas que possam apontar direções de intervenções e interpretações psicanalíticas que ajudem a conteúdos traumáticos a alcançar um estatuto digno de entrar no circuito psíquico representacional. (adaptado de WINOGRAD; CREMASCO, 2019)

Definitivamente, é quase desnecessário dizer que, pelas histórias de vidas testemunhadas dentro do *setting terapêutico*, todas as mulheres e crianças acolhidas pelo projeto *Enlace* se constituem de grandes fenômenos para aprendizagem. Todavia, para melhor descrição do relatório, decidimos escolher um caso, dentre todos os outros, pela sua complexidade e representatividade frente à temática. A interlocutora amparada em nosso projeto é uma senhora denominada pelo pseudônimo de Rita de Cássia, encaminhada por um órgão da rede de proteção social da prefeitura municipal de Natal. A mulher tem medida protetiva e seu ex-marido segue sob custódia do Estado.

Primeiramente, se faz necessário ressaltar que, na psicanálise, para termos a melhor conduta no manejo da clínica, é de extrema importância identificar a possível estrutura psíquica do sujeito atendido. Para que isso ocorra, é preciso observar e analisar o discurso do sujeito. “O psicanalista tem que se despir de suas próprias vestes egóicas, suspendendo juízos, valores e preconceitos, assumindo a roupa disponível para o papel requerido pelo paciente” (DUNKER; THEBAS, 2021, p. 51).

Ainda sobre o discurso do analisando, é desta forma, no campo epistemológico da psicanálise, conforme a fala da paciente, que é possível lançar uma hipótese em relação à sua estrutura psicanalítica. Tal estrutura se apresenta no sujeito após a fase do Édipo, conforme responde a castração simbólica. Dentro desse prognóstico, repousam três classificações: Psicose, Neurose e Perversão (GALVÃO; BRITTO, 2019).

Seguindo a narrativa apresentada por Rita de Cássia, identificam-se características do discurso do psicótico. Os elementos que marcam esse relato são os pouquíssimos casos de atos falhos ou lapsos na linguagem que ocorrem no discurso; outra particularidade no feitiço da fala dessa estrutura clínica é definida na psiquiatria pelo termo vago concreto (FINK, 2017), logo, isso significa que o psicótico exprime somente aquilo que de fato ele quer dizer, não há brechas para ironias e duplos sentidos.

A narrativa persecutória é mais um elemento revelador da estrutura psíquica, e esse item se fez presente em algumas sessões como, por exemplo, o dia em que a atendida relatou que sua casa sofrera um rompimento e que tinha certeza de que fora sua irmã a autora do delito. Na semana seguinte a essa descrição, a guarda municipal refutou qualquer possibilidade de indícios de violação do imóvel da depoente. Em outro momento, a paciente cita ter visto seu ex-marido dentro do transporte coletivo em que estava. Todavia, na data em que o infortúnio foi contado, o homem estava em cárcere privado. Tivemos acesso às evidências que contradizem esses relatos, mas, para o melhor manejo clínico, estas não foram apresentadas para a cliente.

Em outras sessões, a interlocutora seguia absolutamente convencida que ocorrera o ato de violência contra seu patrimônio e o infeliz encontro. A forma com que sua narrativa é apresentada, com uma certeza inabalável, também é mais um dado para a construção da hipótese diagnóstica (FINK, 2017). De modo breve, Galvão e Britto (2019) descrevem como se forma a estrutura psicótica.

A psicose é resultante da ausência da metáfora paterna, ou seja, forclusão do Nome-do-pai e ausência da significação fálica. A forclusão deixa os sujeitos psicóticos, em um gozo desmedido, sem freio, não simbolizável. A falta do nome-do-pai enquanto significante, deixa o sujeito a “deriva” e a psicose é a resposta possível. As alucinações e as alterações da linguagem também são fenômenos da Psicose. (GALVÃO; BRITTO, 2019, p.127)

Defendemos a hipótese de que durante muito tempo nossa cliente se manteve dentro dos limites da dita “normalidade” em seu dia a dia, com bordas forjadas para sua vivência. Contudo, foi a violação de direito ocorrido através da violência doméstica que promoveu o rompimento desses limites, desencadeando a formação dos furos psíquicos e fazendo com que sua psique afrouxasse os nós simulados. “é um ponto ou um nó que une a linguagem (o simbólico), o corpo (o imaginário), e o prazer (o real). O ponto de capitonê, constituído pela metáfora paterna, pode ser pensado como apenas um ponto dentre tantos” (FINK, 2017).

Ressaltamos que a terapia realizada com Rita de Cássia foi conduzida pela fala livre e escuta ativa ou associação livre e atenção flutuante. Ainda conforme esse embasamento teórico, como dito anteriormente sobre o caso específico desta mulher, conforme o discurso apresentado por ela, o caminho diagnóstico é orientado para psicose. Com isso, a clínica que é ofertada é a análise do secretariado: as intervenções são mais pontuais, sem ambiguidades, buscando evitar a crise nesse paciente, promovendo o auxílio ao psicótico com suas angústias; “lidar com a questão da psicose requer manejo e habilidade por parte do analista, uma vez que um significante pode ser fator desencadeador de surto do paciente” (GALVÃO; BRITTO, 2019, p.128).

Um outro ponto relevante é que, no projeto *Enlace*, quando surge a necessidade, pontuamos e orquestramos ações fora da terapia. Como, por exemplo, recorrer às práticas jurídicas e outras ações que sejam necessárias para cada caso. Depois dos primeiros encontros, percebemos que o caso exigia ações clínicas além do *setting terapêutico*. Sendo assim, entramos em contato com outros órgãos do SUS (Sistema Único de Saúde) e SUAS (Sistema Único de Assistência Social) que atendem a paciente, buscando melhor compreensão do caso e coo-

peração entre as partes, assim como o acolhimento da proposta de realização de um Projeto Terapêutico Singular (PTS).

No princípio do atendimento, a interlocutora afirmou que era preciso conhecer a sua história para, desta maneira, termos a maior compreensão do momento vivido atualmente por ela. Desta forma, contou que, quando conhecera seu ex-companheiro, ela já era viúva, seu falecido marido era alcoolista e que, desta relação, teve dois filhos: um falecido aos 10 anos de idade e o outro ainda vivendo na mesma casa que ela (um jovem que sofre com psicopatologia grave e faz uso de medicamentos para o tratamento de transtorno mental). Após o descrito, Rita de Cássia seguiu elucidando os momentos de violência promovidos pelo ex-marido. As ações de crueldade realizadas pelo ex-companheiro se fazem presentes na maioria dos discursos dentro do *setting terapêutico*.

Tais atos de violência, além de físicas, também se configuravam na violência moral – como a tentativa de controlá-la dopando-a com o remédio do filho (*Haloperidol*) –, violência sexual e patrimonial (agressões e conduta que o ex-marido teve em reter, subtrair, destruição parcial ou total de documentos pessoais e recursos econômicos da depoente). Ademais, o agressor, percebendo a fragilidade psíquica da mulher, arquitetou um discurso sob a imagem de sua vítima que resultou como “aquela que não é desejada na sua comunidade, a que não se deve confiar”. Desta forma, causou a eliminação de uma possível rede de apoio advinda de seus vizinhos. “Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V” (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

Além do que foi descrito anteriormente, a interlocutora também informou que, pela denúncia da violência doméstica realizada, sofreu uma repressão vinda da facção local, já que sua delação convocou a figura policial para dentro do bairro.

Embora tenha sido a violência doméstica o marco para o desequilíbrio psicoemocional da paciente – e o principal motivo para a entrada dela na rede de atenção à saúde e assistência social –, a vida de Rita de Cássia foi permeada por grandes dificuldades e sofrimentos. Afirmou que, por duas vezes, se recuperou da morte e contou com detalhes sobre esses acontecimentos: resistiu às complicações sofridas em seu segundo parto e o quanto agradecia à obstetra que lhe acompanhava no pré-natal, pois foi a mesma que a tratou neste quadro de adoecimento. A outra ocasião eleita pelo discurso foi um extremo sangramento sofrido depois de saber da morte do filho mais velho. Tal adoecimento a deixou muito debilitada e só conseguia comer com o auxílio da mãe. Segundo a depoente, graças a uma intervenção cirúrgica realizada por um determinado médico, ela conseguiu se recuperar.

Outro evento provocador de grande dor à mulher foi o desaparecimento e morte do seu filho mais velho. Segundo ela, a criança desapareceu enquanto ia ao banheiro nas dependências da escola na qual era matriculada. Infelizmente, com o decorrer da investigação, foi descoberto o assassinato do infante cometido pelo inquilino da família no intuito de provocar angústia ao pai do garoto. Depois desse trágico ocorrido, a família passou por inúmeras dificuldades emocionais e financeiras. No momento desse depoimento, houve grande emoção por parte da depoente, além disso, caracterizou-se em um momento de escuta de grande dificuldade pela delicadeza temática.

Diante do exposto, é possível dizer que, para o inconsciente, não importa o tempo transcorrido, em depoimento, o paciente acessa o que viveu, o que passou e o sofrimento é vivido outra vez.

Voltando nossa atenção para as circunstâncias nas quais a memória deixa de ser um registro do passado e comparece como uma experiência atual. Nossa hipótese é de que a experiência traumática pode ser pensada como "um passado que não passa" ... Assim uma determinada experiência dotada de grande intensidade e, porque não dizer, de excesso, pode vir a produzir uma "falha" (recalçamento) no processo de transcrição e de descarga das intensidades. Com isso a lembrança deixa de se constituir como lembrança, mas sim como atualidade. Dessa forma o trauma pode ser pensado numa experiência na qual o excesso produz uma descontinuidade temporal. O passado deixa de ser passado, comparando assim, como pura atualidade. (Adaptado de AVELAR, 2013)

Mesmo após a denúncia dos ataques sofridos, Rita de Cássia ainda atravessa as consequências dos abusos realizados pelo ex-marido, como mudança de bairro, sentimento de insegurança e perseguições. Mas, mesmo diante de uma vida transpassada pela dor, Rita de Cássia é um símbolo de resistência. Sempre se faz presente nos eventos voltados para o Agosto Lilás (campanha de conscientização sobre as violências contra as mulheres), é assídua em seus acompanhamentos psicoterapêuticos e ainda cumpre com seu papel de cuidadora/acompanhante de seu filho.

A interlocutora sempre se reafirma como uma mulher forte e se orgulha de sua autonomia. É muito comum ouvir em seus discursos *"Sou eu quem pega o ônibus, pergunto para um e para outro, até chegar ao local que preciso ir para resolver o problema"*. Neste ponto, percebemos o quanto o sujeito se faz como desejos e vontades e ele não pode se desenvolver preso ao desejo do Outro, é necessário se separar do Outro para se constituir a partir do seu próprio desejo (SBARDELOTTO *et al.*, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, é possível constatar que o trabalho de estágio realizado na universidade, dentro do contexto do projeto *Enlace*, promove o encontro do alunado com a prática, tendo como base a teoria e as orientações recebidas. Além disso, as atividades oriundas dessa ação acadêmica contribuem para sensibilizar o futuro profissional para as questões do sujeito em situação de violência domésticas e outras violações de direito e reflexões sobre as questões dos papéis de gênero e suas consequências sociais. Ademais, as ações que exigem conhecimento além do *setting terapêutico* fazem com que o aluno se familiarize com as redes que atuam no enfrentamento e na prevenção à violência contra as mulheres.

Por outro lado, é fundamental destacar que a abordagem da psicanálise e os precedentes da clínica ampliada fazem com que o espaço terapêutico seja um local de acolhimento e de reconhecimento do sujeito como ser de desejo, de direitos e deveres. Ocorre também a promoção da organização egoicamente ao ser ouvido. Em consonância com os pressupostos defendidos pelo Conselho Federal de Psicologia, o profissional da psicologia deve colaborar para o estabelecimento das reflexões acerca das violências sofridas, bem como elucidar a importância da busca pela garantia de direitos e combate à violência.

Face ao exposto, é permitido destacar outro ângulo indispensável no nosso trabalho, a questão do sujeito psicótico. O estágio com aqueles que possuem transtornos mentais graves exige o

exercício do olhar e do ouvir os sujeitos, além dos seus sintomas, sempre levando em conta a condição de sua estrutura psíquica.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, A. S. P. *Trauma e prática clínica: um percurso entre Freud e Ferenczi*. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Andre-AvelarTESE-FINAL-ultima-versao.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2022.
- BOND, L. *Estudo mostra que 76% das mulheres sofreram violência no trabalho*. Agencia Brasil, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-12/estudo-mostra-que-76-das-mulheres-sofreram-violencia-no-trabalho>>. Acesso em: 02 dez. 2022.
- BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 288 p.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2022.
- DUNKER, C.; THEBAS, C. *O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas*. 2. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021. 255 p.
- FINK, B. *Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. Tradução: Carolina Luchetta e Beatriz Aratangy Berger. São Paulo: Blucher, 2017. 496 p.
- GALVÃO, A. C.; BRITTO, C. G. (org.) *Direção do tratamento e modalidades de intervenção: Percurso de uma clínica*. 1. ed. Natal: Caravela, 2019. 328 p.
- HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução: Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.
- INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Tipos de violência*. Fortaleza, 2018. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>>. Acesso em: 08 dez. 2022.
- MANDELBAUM, B.; SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero. *Saúde e Sociedade*, vol. 25, n. 2, p. 422-430, 2016. DOI 10.1590/S0104-12902016145768. Disponível em: <[Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero \(redalyc.org\)](https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145768)>. Acessado em: 08 dez. 2022.

- MAURANO, D. (org) *Para que serve a psicanálise?*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- NITAHARA, A. *Dossiê mulher: maior parte da violência contra a mulher ocorre dentro de casa*. Agência Brasil, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-08/dossie-mulher-maior-parte-da-violencia-contramulher-ocorre-dentro-de-casa>>. Acesso em: 02 dez. 2022.
- PORTO, M.; BUCHER-MALUSCHKE, J.S.N.F. A permanência de mulheres em situações de violência: Considerações de psicólogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 30, n. 3, p. 267-276, 2014. DOI [10.1590/S0102-37722014000300004](https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300004). Disponível em: (19) (PDF) A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas (researchgate.net). Acessado em: 08 dez. 2022.
- SBARDELOTTO, L. et al. A constituição do sujeito na Psicanálise. *Akrópolis*, Umuarama, v. 24, n. 2, p. 113-129, 2017. ISSN: 1982-1093. Disponível em: <<https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/6331>>. Acessado em 08 dez. 2022.
- WINOGRAD, M.; CREMASCO, M. V. F. (org.) *O que pode a psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2019. 324 p.